

DOUTORAMENTO *Honoris Causa*

DO PROFESSOR DOUTOR

HERMANFRID SCHUBART



HC
FLUP

Acto de Doutoramento *Honoris Causa*

do Professor Doutor

HERMANFRID SCHUBART

na Faculdade de Ciências da

Universidade do Porto em 28 de Janeiro de 2005

DOUTORAMENTO *Honoris Causa*

DO PROFESSOR DOUTOR

HERMANFRID SCHUBART



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO



O novo Doutor *Honoris Causa*

A UNIVERSIDADE DO PORTO

A Universidade do Porto foi fundada pelo decreto de 22 de Março de 1911, emanado do Governo Provisório da República. Se bem que seja possível apontar como as suas antecessoras mais remotas a Aula de Náutica, estabelecida por D. José I em 1762, e a Aula de Debuxo e Desenho, criada por D. Maria I em 1779 — ambas resultado de solicitações dos comerciantes portuenses —, a Universidade vai basear-se fundamentalmente sobre instituições de ensino superior criadas no séc. XIX: a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica.

A Academia Politécnica tinha como fim principal o ensino das ciências industriais e formava engenheiros de todas as classes, além de outras especialidades profissionais como oficiais de marinha, pilotos, comerciantes, agricultores, directores de fábricas e artistas. Herdeira da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto, criada em 1803 pelo Príncipe-Regente D. João (futuro D. João VI), surgiu em resultado da reforma de Passos Manuel, ministro do Reino no Governo saído da revolução de Setembro. No âmbito desta reforma, o nome da Academia Real é alterado para Academia Politécnica em 1837, sendo adoptadas as anteriores disposições estatutárias. Contudo, o governo económico e literário da Academia, até ali sob a inspecção da Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, é transferido para o Conselho dos Lentes. Não obstante as grandes dificuldades financeiras por que passou, a Academia Politécnica do Porto conheceu uma época de apogeu científico, com cientistas eminentes como Gomes Teixeira e Ferreira da Silva.

A Escola Médico-Cirúrgica do Porto também é resultado da reforma de Passos Manuel: em 1836, sucede-se à Real Escola de Cirurgia, uma instituição criada em 1825 por D. João VI, e que funcionava em ligação com o Hospital da Misericórdia do Porto. Em 1837, é estabelecido um novo plano geral de estudos, que, além de alargar o número de cadeiras, as dividia em cadeiras médicas e cadeiras cirúrgicas. A Escola Médico-Cirúrgica tinha o seu assento no Hospital de

Santo António, anexando uma Escola de Farmácia que compreendia cursos teóricos e cursos práticos; conheceu também mestres de grande nomeada, como Roberto Frias, Aires de Gouveia, Eduardo Pimenta, etc.

A implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, provocou importantes modificações no campo do ensino, nomeadamente a criação de duas universidades, a de Lisboa e a do Porto. Pelo decreto de 19 de Abril de 1911, a Universidade do Porto ficou assim constituída: uma Faculdade de Ciências Matemáticas, Físico-Químicas e Histórico-Naturais, uma Faculdade de Medicina com uma Escola de Farmácia anexa e ainda uma Faculdade de Comércio. Esta última, porém, nunca chegou a concretizar-se. A Faculdade de Ciências anexava uma Escola de Engenharia.

A Universidade do Porto foi inaugurada a 16 de Julho de 1911 e, nesse mesmo dia, foi eleito o primeiro Reitor, o matemático Gomes Teixeira. A partir de agora é confiado à Universidade o seu próprio governo económico e científico. Também a autonomia do ensino é reconhecida. O governo da Universidade pertence aos corpos Académicos: Senado, Assembleia Geral dos Professores, Conselhos das Faculdades e Escolas e aos seus Delegados efectivos — Director e Reitor.

Com o tempo, as escolas anexas foram adquirindo autonomia. A Escola de Engenharia transforma-se em Faculdade Técnica em 1915 e assume a designação de Faculdade de Engenharia em 1926. A Escola de Farmácia obtém o estatuto de Faculdade em 1921.

Em 1919 foi criada no Porto uma Faculdade de Letras pelo Ministro Leonardo Coimbra. Teve vida efêmera. Por razões alegadamente de ordem financeira (que escondiam motivações políticas), foi suprimida em 1928. Só em 1961 será criada no Porto uma nova Faculdade de Letras. Entretanto, em 1953, surgira uma Faculdade de Economia, tendo como objectivo o ensino e a cultura das ciências económicas.

A Universidade do Porto conheceu uma grande expansão com a revolução de Abril de 1974. Às seis faculdades existentes juntaram-se, como criação de raiz ou escolas integradas, as seguintes: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (1975), Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física (1975), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (1977), Faculdade de Arquitectura (1979), Faculdade de Medicina Dentária (1989), Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação (1992), Faculdade de Belas Artes (1992) e Faculdade de Direito (1994). Hoje, a Universidade do Porto conta com catorze faculdades e uma escola de pós-graduação, a Escola de Gestão do Porto (2000).

A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto é uma escola de ensino superior universitário vocacionada para o ensino, para a investigação e para a criação cultural nas áreas das ciências sociais e humanas, da filosofia, das línguas e literaturas. Desenvolve esta actividade num espírito público e em ordem a contribuir para o desenvolvimento científico, cultural, social e económico de Portugal, das comunidades de raiz portuguesa disseminadas pelo mundo, dos países de língua oficial portuguesa e da Europa.

Criada pelo artigo 11º da Lei nº 861, de 27 de Agosto de 1919, pelo Ministro Leonardo Coimbra, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto formou 167 licenciados nos cursos de *Filologia Clássica*, *Filologia Românica*, *Filologia Germânica*, *Ciências Históricas e Geográficas* e *Filosofia* até ao seu encerramento pelo Decreto nº 15.365, de 12 de Abril de 1928.

Por esta escola passaram notáveis professores e estudantes que se distinguiram nos domínios do saber, da cultura e da vida cívica. Entre eles, o filósofo Leonardo Coimbra, seu primeiro director e personalidade da estatura de Newton de Macedo, Damião Peres, Aarão de Lacerda, Francisco Torrinha, Hernâni Cidade, Teixeira Rêgo, Luís Cardim, Delfim Santos, Salgado Júnior, Torquato Sousa Soares, Agostinho da Silva, José Marinho, entre outros.

Reaberta em 1961 pelo Decreto nº 43.864, de 17 de Agosto, inicia as suas aulas no ano lectivo de 1962/63, com duas licenciaturas – *História* e *Filosofia* e o curso de *Ciências Pedagógicas* (este último de efêmera duração) –, a que se juntaram depois, por exigência da Universidade e da Comunidade, *Filologia Românica* (1968), *Filologia Germânica* (1972), *Geografia* (1972), *Sociologia* (1985) e *Estudos Europeus* (1996). Em 1977, as Filologias darão lugar ao curso de *Línguas e Literaturas Modernas*, com diversas variantes, ao passo que, em 1980 são criadas, na licenciatura de *História*, as variantes de *Arqueologia* e de *História da Arte*, transformadas em licenciaturas autónomas desde 1999. Em 2000 surge a licenciatura de *Jornalismo e Ciências da Comunicação* e em 2001 a licenciatura de *Ciência da Informação*. O ensino pós-graduado inicia-se a partir de

1982, tendo até à presente data sido abertos 27 cursos de pós-graduação em todos os domínios científicos da Faculdade. A alteração dos Estatutos da FLUP, publicados no *Diário da República*, II série, nº 103, de 4 de Maio de 2000, consagrou a organização departamental da Faculdade, tendo sido criados os Departamentos de Ciências e Técnicas do Património, de Estudos Anglo-Americanos, de Estudos Germanísticos, de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, de Filosofia, de Geografia, de História, de Sociologia, e ainda a Secção Autónoma de Educação e a Secção Autónoma de Jornalismo.

Com perto de 4000 alunos (distribuídos por 29 cursos de licenciatura), 250 professores e 130 funcionários, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto desenvolve uma intensa actividade de ensino e investigação, sendo esta última traduzida não só no permanente labor dos seus Departamentos, Centros e Unidades de Investigação, mas também na qualificação dos seus docentes. Antigos alunos da escola predominam no seu actual quadro docente, ocupando ainda lugares de destaque em ramos diversos da vida pública e activa. A Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, forte estrutura associativa, tem constituído um permanente elemento dinamizador das actividades académicas.

A Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, integrada nos Serviços de Documentação e Informação, é, hoje, uma estrutura de apoio imprescindível ao ensino e à investigação que se desenvolvem dentro e fora da escola. Com perto de 300.000 títulos de monografias e de publicações periódicas, a Biblioteca Central tem vindo a apostar na diversificação dos seus recursos, sobretudo no que diz respeito aos novos suportes, como o CD-ROM, à assinatura de bases de dados em texto integral na Internet e às novas tecnologias.

No seu âmbito funciona também o Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente da Universidade do Porto que tem como objectivo principal criar condições de igualdade entre os alunos portadores de deficiência e normais, com incidência especial nos estudantes deficientes visuais, pelo que se tem dedicado à recolha, produção e tratamento de documentos especiais que organiza e divulga, tendo vindo substancialmente a crescer o número de títulos que fazem parte da Biblioteca Braille, da Biblioteca Sonora e da Biblioteca Digital.

A Faculdade edita a Revista da Faculdade de Letras nas séries de História, Filosofia, Línguas e Literaturas, Geografia, Sociologia, Ciências e Técnicas do Património e vários outros títulos periódicos e colecções temáticas. Fazem parte das tarefas efectivas da Faculdade a publicação dos trabalhos de investigação dos seus docentes, a realização de encontros científicos, cursos de doutoramento, mestrados, pós-graduação e cursos para estrangeiros, para além de intervenções de serviço à comunidade e de contactos regulares com instituições congéneres nacionais, comunitárias, dos PALOP e de outros países.

CURRICULUM VITAE

Arqueólogo alemão, nasceu a 1 de Dezembro de 1930, em Kassel (Hesse, um dos *Länder* daquele país).

Estudou nas Universidades de Greifswald e de Leipzig.

Licenciou-se nesta última universidade em 1953, na área de História.

De 1953 a 1957 foi professor adjunto da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Greifswald, onde se doutorou a 1 de Dezembro de 1955 (com 25 anos de idade) com uma tese sobre Pré-história (Idade do Bronze Antiga) da região de Meclemburgo.

Durante esta fase da sua carreira trabalhou, também, para o Serviço de Escavações Arqueológicas da Pomerânia Ocidental, o que lhe permitiu realizar diversas escavações importantes (por exemplo, na necrópole da Idade do Ferro de Wilmshagen e na fortificação eslava de Behren-Lübchin).

De 1957 a 1959 foi colaborador científico do Instituto de Pré-história e Proto-história da Deutsche Akademie der Wissenschaften, em Berlim, sob direcção do Prof. W. Unverzagt. Nessa condição, realizou escavações sobre sítios da Idade do Bronze da região de Meclemburgo - Pomerânia Ocidental, algumas sob sua responsabilidade. Teve também oportunidade de viajar por diversos países da Europa setentrional, central e oriental, conhecendo a respectiva realidade arqueológica. Mas a grande revelação seria o Sul e, em particular, a Península Ibérica.

Em 1959 começou a trabalhar no Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, do qual foi subdirector de 1967 a 1981, e Director de 1981 a 1994, momento em que se jubilou.

Realizou nesse período numerosas escavações em Portugal e Espanha, nas áreas da Pré-história e da Proto-história.

Entretanto, em 1971, foi nomeado professor agregado da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Munique onde apresentou, naquele ano, um importante trabalho sobre a Idade

do Bronze do Sudoeste da Península Ibérica e onde se encarregou de cursos sobre Pré-história e Proto-história da Europa Ocidental e Mediterrânica.

Foi objecto de várias distinções na Alemanha (Cruz de Mérito da RFA – 1994), em Espanha (medalha de Honra da Associação Espanhola dos Amigos da Arqueologia – 1983, medalha de ouro por Mérito em Belas Artes concedida pelo Rei de Espanha – 1992, Prémio Andaluzia de Cultura – Arqueologia – da Junta de Andaluzia – 1997) e em Portugal (Sócio Honorário da Associação dos Arqueólogos Portugueses – 2003).

É ainda doutor *honoris causa* pela Universidade Autónoma de Madrid (desde 1989).

Hermanfrid Schubart realizou trabalhos de campo e, em particular, escavações muito importantes na zona meridional da Península Ibérica, a partir dos inícios dos anos sessenta e até aos princípios dos anos noventa do séc. XX. Várias dessas escavações, até pela sua amplitude e continuidade, abriram novas perspectivas e formaram escola. Elas incidiram particularmente sobre a Pré-história (Idades do Cobre e do Bronze) e a Proto-história (sítios ibéricos, fenícios e púnicos). São de destacar as investigações realizadas em Atalaia (Ourique, Baixo Alentejo) e no Zambujal (Torres Vedras, Estremadura), no caso português, mas aqui com repercussões metodológicas a nível peninsular. Em Espanha, em diversos sítios como em Torre del Mar (Málaga), no Cabezo de la Esperanza (Huelva) e em Fuente Álamo (Cuevas de Almanzora, Almería). Em geral, pode dizer-se que o local pré-histórico do Zambujal foi o que mais concentrou a sua atenção em Portugal, enquanto que em Espanha interveio em períodos variados, desde a Pré à Proto-história, e sobretudo preocupado na inserção das populações peninsulares no mundo mediterrânico.

O facto de possuir uma casa em Alicante e de, ainda hoje, dividir a sua vivência anual entre a sua Alemanha natal e a Península, espécie de segunda pátria adoptiva, diz muito do profundo apego que tem ao Sul da Europa e à rica problemática que os contactos culturais aqui levantam, sobretudo para as épocas remotas da Pré-história recente e, depois, das primeiras sociedades estratificadas e colonizações. Foi aliás esse o tema da lição que proferiu em 1989 quando a Universidade Autónoma de Madrid lhe outorgou o grau acima referido.

São centenas os trabalhos que publicou desde 1953 (e alguns ainda estão no prelo), pelo que seria impossível referir, aqui, mesmo apenas os mais importantes de entre eles. Cite-se tão só, por abarcarem (entre outros) o território português, “Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel” (1975), e “Zambujal. Grabungen 1964 bis 1973” (de colaboração com E. Sangmeister) (1981).

Foram várias as vezes que o Prof. H. Schubart se deslocou à Universidade do Porto, tendo em particular presidido à Secção de Pré e Proto-história do I Congresso de Arqueologia Peninsular, aqui realizado em Setembro de 1993.

Bibliografia | Monografias, como as obras mais importantes

- 1962 (En colaboración con D. Fletcher Valls; J. Oliver). Excavaciones en las fortificaciones del Montgó cerca de Denia (Alicante) (Excavaciones Arqueológicas en España, 13) Madrid.
- 1967 Die Iberer, Frühe Randkulturen des Mittelmeerraumes. Baden-Baden, 153-196.
- 1969 (En colaboración con H. G. Niemeyer) Toscanos. Die altpunische Faktorie an der Mündung des Río de Vélez, Grabungskampagne 1964, (Madrider Forschungen 6, 1), Berlín.
(En colaboración con H. G. Niemeyer; M. Pellicer Catalán) Toscanos. La factoría paleopúnica en la desembocadura del Río de Vélez. Excavaciones de 1964 (Excavaciones Arqueológicas en España, 66), Madrid.
- 1972 Die Funder der älteren Bronzezeit in Mecklenburg, (Offa-Bücher 26), Neumünster.
- 1975 Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel. (Madrider Forschungen 9), Berlin.
(En colaboración con H. Niemeyer) Trayamar. Die phönizischen Kammergräber und die Niederlassung an der Algarrobo-Mündung. (Madrider Beiträge, 4) Mainz.
- 1981 (En colaboración con E. Sangmeister) Zambujal. Grabungen 1964 bis 1973. (Madrider Beiträge 5), Mainz.
- 1989 Discurso de Investidura de Doctor "Honoris Causa". Significación histórico-cultural de la costa meridional de la Península Ibérica, desde la Edad del Cobre hasta la colonización fenicia. Madrid.
- 1991 (En colaboración con H. Ulreich) Die Funde der Südostspanischen Bronzezeit aus der Sammluna Siret, (Madrider Beiträge 17), Mainz.
- 2001 Die Grabungen von 1977 bis 1991: Der Platz – Grabungsverlauf – Arbeitsweise, in H. Schubart – V. Pingel – O. Arteaga, Fuente Álamo – Die Grabungen von 1977 bis 1991 in einer bronzezeitlichen Höhensiedlung Andalusiens, Madrider Beiträge 25 (Mainz).

- 2003 Stratigraphisch geordnete Keramik der El Argar-Zeit aus den Grabungen 1977 bis 1982 auf Fuente Álamo, loc. cit., 291-360.
- 2005 H. Schubart – G. Maass-Lindemann, Toscanos, Madrider Forschungen 6, Lieferung 2; Berlin (2005).
- s/data H. Schubart u. a., Morro de Mezquitilla – Die phönizisch-punische Niederlassung an der Algarrobo-Mündung, Madrider Beiträge (Mainz).

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DO PROFESSOR HERMANFRID SCHUBART

A cerimónia tem início com o Cortejo Académico ao som do Quinteto de Metais de Gaia que executa *Gaudeamus Igitur* (Cântico Académico).

Terminado o cortejo académico, tendo todos os participantes ocupado os respectivos lugares na sala, ficando na mesa da presidência o Reitor, Professor José Novais Barbosa e a Presidente do Conselho Directivo, Professora Ana Monteiro, o Mestre-de-Cerimónias, Professor José Meirinhos dá início à cerimónia e, fazendo a vénia ao Reitor, convida o Quinteto de Metais a executar *Trumpet Tune*, de Henry Purcell.

A Professora Susana de Oliveira Jorge, a convite do Mestre-de-Cerimónias, faz o elogio do Doutorando, regressando depois ao seu lugar.

Terminado o elogio do doutorando, o Mestre-de-Cerimónias fazendo a vénia ao Reitor, convida o Padrinho, Professor Jorge de Alarcão e o Doutorando a aproximarem-se da mesa da presidência, posicionando-se estes à direita do Reitor. A Presidente do Conselho Directivo toma a esquerda do Reitor.

O Padrinho apresenta ao Reitor o pedido de atribuição do grau.

Em seguida, o Reitor pronuncia as seguintes palavras de imposição do grau:

Eu, José Novais Barbosa, Reitor da Universidade do Porto, reconhecendo a pertinência da petição e aceitando as boas razões invocadas pelo Padrinho, Professor Jorge de Alarcão, declaro o Professor Hermanfrid Schubart, Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto.

O Mestre-de-Cerimónias lê o texto do registo do doutoramento no Livro de Registo dos Doutoramentos Honoris Causa pela Universidade do Porto. Seguidamente, o Reitor, o novo Doutor, o Padrinho e a Presidente do Conselho Directivo assinam o Livro de Registo.

A estudante Joana Alves Ferreira que transporta as insígnias aproxima-se do Reitor que impõe a insígnia doutoral da Universidade ao novo Doutor. A Presidente do Conselho Directivo coloca o anel, explicando o seu significado (colegialidade, irmandade com os restantes Doutores) e entrega o Livro (sabedoria) e o Diploma.

O Reitor, a Presidente do Conselho Directivo e o Padrinho cumprimentam o novo Doutor. O Reitor e o Padrinho regressam ao seu lugar.

O novo Doutor, acompanhado pela Presidente do Conselho Directivo e pelo Mestre-de-Cerimónias, dirige-se às doutorais e faz vénia aos doutores das Faculdades. Terminada esta saudação a Presidente do Conselho Directivo regressa ao seu lugar e o Mestre-de-Cerimónias conduz o Doutor à cadeira que lhe está reservada nas doutorais.

O Mestre-de-Cerimónias convida então o Quinteto de Metais de Gaia a executar *Procession of Nobles*, de Rimsky-Korsakov.

Após a execução da peça musical, o Mestre-de-Cerimónias acompanha o Doutor ao lugar onde vai pronunciar o discurso de agradecimento.

Concluído o discurso, o Mestre-de-Cerimónias acompanha novamente o Doutor ao seu lugar.

A concluir o acto, o Mestre-de-Cerimónias, fazendo vénia ao Reitor, convida o Quinteto de Metais a executar *Gaudeamus Igitur* (Cântico Académico), iniciando-se o cortejo de saída.

Segue-se um momento de cumprimentos ao novo Doutor, acompanhado do Reitor, da Presidente do Conselho Directivo e do Padrinho, em local apropriado.



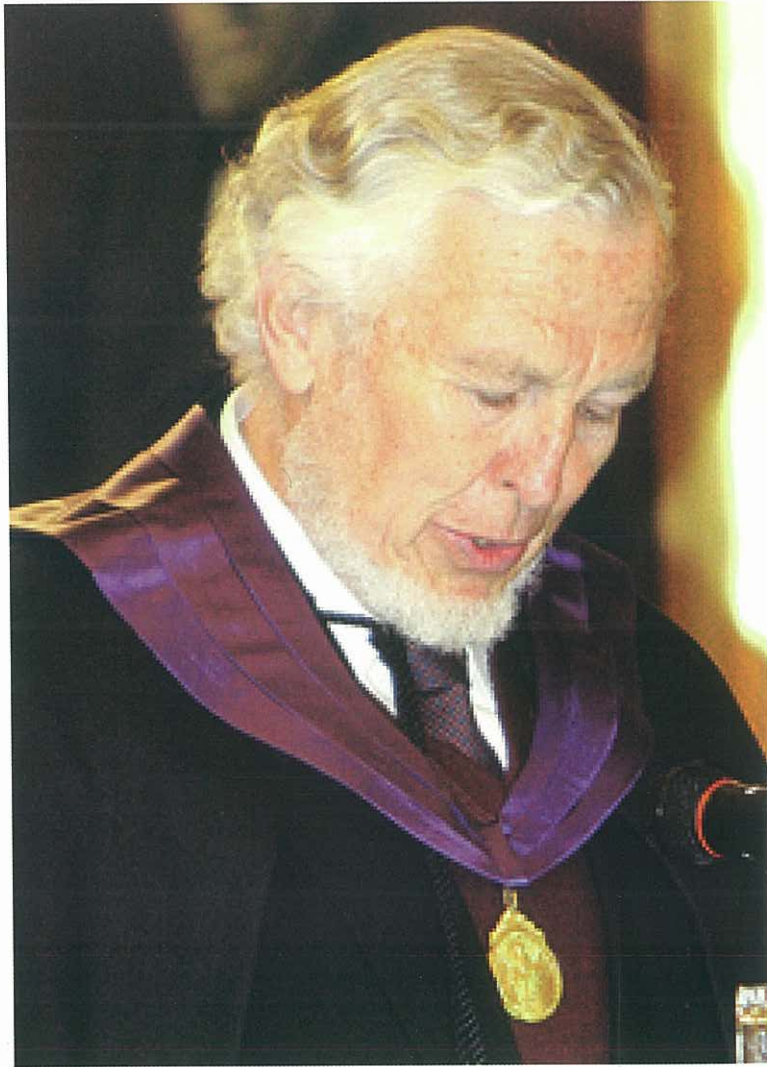
A Professora Doutora Susana Oliveira Jorge proferindo o elogio ao doutorando



O Sr. Reitor, Professor Doutor Novais Barbosa,
pronunciando as palavras de imposição do grau de doutor



Imposição das insígnias ao doutorando pelo Sr. Reitor e
pela Presidente do Conselho Directivo, Professora Doutora Ana Monteiro



Discurso de agradecimento pronunciado pelo novo doutor *Honoris Causa*

DIRCURSO DE ELOGIO

PROFERIDO PELA PROFESSORA DOUTORA SUSANA OLIVEIRA JORGE

Hermanfrid Schubart na encruzilhada da arqueologia europeia e peninsular da segunda metade do séc. XX.

Magnífico Reitor da Universidade do Porto,

Ex^{ma} Senhora Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,

Ex^{mas} autoridades académicas e civis,

Ex^{mos} professores, estudantes e funcionários,

Senhoras e Senhores.

É para mim uma honra e certamente uma responsabilidade proferir as palavras de elogio do Professor Hermanfrid Schubart no acto solene de outorga das insígnias de Doutor Honoris Causa que a Universidade do Porto, em boa hora, lhe entendeu atribuir. Devo dizer que o faço com um indisfarçável prazer, na exacta medida em que não só admiro pessoalmente a sua obra, como também penso que a Península Ibérica e, em especial, Portugal lhe deve um tributo que faça jus ao seu exemplar esforço em prol do exercício duma arqueologia científica no nosso país.

Hermanfrid Schubart nasceu na Alemanha, em 1930, em Kassel (Hessen). Era uma criança quando se iniciou a 2ª grande guerra e um adolescente quando esta terminou. A partir de 1945, na República Democrática Alemã, onde viverá a adolescência e a sua primeira juventude, formar-se-á como arqueólogo.

De facto, em 1953, licencia-se em Arqueologia pré-histórica na Universidade de Leipzig, e, em 1955, com apenas 25 anos, doutora-se na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Greifswald, onde trabalhou como professor adjunto no Instituto de Pré-História e Proto-História, entre 1953 e 1955. A sua tese de doutoramento incidirá sobre o *Bronze Antigo em Mecklemburgo*.

Cedo se salientou como exímio escavador, tendo, de 1955 a 1957, trabalhado para o Serviço de Escavações Arqueológicas da Pomerânia Ocidental, realizando ali importantes escavações em sítios da Pré e da Proto-História.

Mas, entre 1957 e 1959, Hermanfrid Schubart inicia uma trajectória que o vai levar a *Berlim*, ao Instituto de Pré e Proto-História da Academia Alemã de Ciência. Aí, sob a direcção do Professor Unverzagt, trabalhou como colaborador científico. Nessa condição, realizou escavações em sítios da Idade do Bronze e da Primeira Idade do Ferro em Mecklemburgo. Foi também nesta fase berlinense oriental que teve oportunidade de viajar por diversos países da Europa setentrional, central e oriental, conhecendo a realidade arqueológica quer em países de leste, quer do ocidente. Durante esses anos, da sua juventude mais madura, foi certamente marcante a formação arqueológica recebida nas instituições alemãs que frequentou, as quais depois da 2ª guerra mundial se separaram – tanto na Alemanha oriental como ocidental – dos preconceitos rácicos dos supostos seguidores de Kossinna. Por essa altura, o jovem investigador Schubart recebeu fortes influências de Gordon Childe e do método de Hans Jürgen Eggers, assim como do materialismo histórico imposto nas universidades da Alemanha Oriental. No entanto, Schubart cedo se distanciou do marxismo de inspiração soviética tanto nos seus trabalhos arqueológicos como na sua posição ideológica e política, o que lhe trouxe naturalmente dificuldades em vários sectores da sua vida profissional e política.

Em 1959, Hermanfrid Schubart, com 28 anos, usando a relativa facilidade com que então se circulava entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental, decide passar a viver em Berlim Ocidental nas circunstâncias políticas da época, sem possibilidade de poder voltar à sua região natal de Mecklemburgo e à sua casa paterna em Weimar/Thüringen. Com essa decisão radical Schubart fecha um primeiro ciclo da sua vida, e inicia, aos 28 anos, uma fulgurante carreira de arqueólogo e académico, na então República Federal da Alemanha e, sobretudo, na Península Ibérica.

Sobre este segundo ciclo da sua vida, tentarei fazer, mais à frente, um breve balanço, particularmente no que toca o excepcional contributo para o *progresso da investigação arqueológica* em Portugal e Espanha, ao longo da 2ª metade do século XX.

Quando Schubart se apresenta, em 1959, no *Instituto Arqueológico Alemão*, em Berlim Ocidental, era então um jovem doutorado com cerca de vinte trabalhos publicados. Ao ser integrado como membro do Instituto, solicita ser colocado numa delegação bem longe de Berlim, de preferência no Próximo-Oriente. Não é sem espanto que ouve oferecerem-lhe um lugar em *Espanha*, na delegação de Madrid do Instituto. Espanha, onde nunca estivera antes, no extremo oposto do Mediterrâneo Oriental que tanto o atraía. Tratava-se duma passagem, sem transição, de leste para oeste, sob muitos pontos de vista.

Estávamos, nos finais dos anos 50, numa fase de “boom” económico na então República Federal da Alemanha. O *Instituto Arqueológico Alemão*, uma instituição com nome feito, cuja autoridade nos estudos clássicos e orientais lhe tinha permitido sobreviver aos constrangimentos ideológicos do regime nazi, dispunha, nesses anos de ouro do pós-guerra, de meios grandiosos de actuação. A sua política de intervenção continuava mais do que nunca vocacionada para o estudo do Próximo-Oriente e do Mediterrâneo, no seu conjunto.

O Professor Schubart, uma vez chegado a Espanha, em 59, desde cedo adquiriu uma posição institucional importante no interior da delegação de Madrid do Instituto Arqueológico Alemão. De 1967 a 1981 foi sub-director: primeiro, na fase em que o director era ainda *Helmut Schlunk*, o primeiro director da delegação de Madrid desde a sua fundação em 43 e reabertura em 54; depois, no período em que *Wilhelm Grünhagen* lhe sucedeu, de 1971 a 1981. Entre 1981 e 1994, Hermanfrid Schubart assume, com reconhecido mérito, a direcção do Instituto Arqueológico Alemão em Madrid, de que se afasta apenas por ocasião da sua jubilação. Durante este longo período, entre 1959 e 1994, envolveu-se, com uma notável eficácia, energia e empenhamento pessoal em todas as actividades de *investigação*, *divulgação* e *cooperação* do Instituto. De salientar o seu papel na promoção de *escavações arqueológicas* em diferentes pontos da Península, relativas a diversos períodos cronológicos; na dinamização da *Biblioteca* do Instituto, centro de acolhimento e cultura para todos os que nela puderam usufruir da sua magnífica qualidade; na publicação incessante da incontornável revista *Madrider Mitteilungen* e dos volumes monográficos dos *Madrider Forschungen* e *Madrider Beiträge*; na articulação do Instituto com inúmeras instituições espanholas e portuguesas, fomentando, desse modo, uma inserção sustentada do Instituto, nos meios da especialidade, nos dois países ibéricos; no contributo para a formação de investigadores, nomeadamente portugueses e espanhóis, no âmbito da arqueologia da Península Ibérica.

Finalmente, no seio das suas funções institucionais, será bom não esquecer o enquadramento que Schubart prestou à abertura, em 1971, da filial de Lisboa do Instituto Arqueológico Alemão, cuja direcção foi primeiramente entregue à Doutora *Philine Kalb* e depois ao Doutor Theodor

Hauschild. Até à sua jubilação, em 1994, Hermanfrid Schubart permaneceu atento e eternamente cooperante, sendo um esteio incontornável da delegação de Lisboa do Instituto.

Mas o Professor Schubart foi e é também um admirável *investigador* e um notável *professor*. De facto, em 1971, foi nomeado professor agregado da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Munique, onde, naquele ano, apresentou um importante trabalho de investigação sobre a *Idade do Bronze do Sudoeste da Península Ibérica* (Schubart, H., 1975). Na Universidade de Munique encarregou-se, ao longo dos anos, de cursos de Pré-História e de Proto-História da Europa Ocidental e Mediterrânica.

Contudo, se me pedirem um balanço, arriscarei dizer que Schubart ficará *para sempre ligado à investigação do passado pré e proto-histórico da Península Ibérica. Investigação que exercitou até hoje, continuamente, ao longo de 45 anos*. Um tal ciclo de vida, ligado à investigação numa região particular, faz de Schubart um dos melhores patrimónios da Península Ibérica. O seu trabalho sobre o passado ibérico, no quadro do mundo mediterrânico, encontra-se plasmado na publicação de centenas de trabalhos da especialidade, na realização de inúmeras escavações arqueológicas, numa actividade incessante de intervenção em congressos, colóquios, seminários, onde, aliás sempre se salientou por ser um brilhante orador. As várias distinções que obteve até ao momento na Alemanha, em Espanha e em Portugal, espelham, de alguma forma, o reconhecimento que a sua obra merece, a partir de múltiplos pontos de vista.

Sobre a *investigação* de Hermanfrid Schubart procurarei, neste momento, ainda que de forma muito sucinta, iluminar dois aspectos principais: por um lado, a *moldura histórica e conceptual* que norteou a sua actividade de pensador; por outro lado, o *contributo específico* da sua obra para o desenvolvimento do conhecimento do passado pré e proto-histórico da Península Ibérica.

Hermanfrid Schubart, enquanto arqueólogo, inscreve-se na corrente *histórico-cultural*, que se constituiu na Europa na primeira metade do séc. XX, e que perdura ainda hoje largamente em muitos contextos científicos.

Tal corrente, que deve muito da sua arquitectura a *Gustaf Kossinna*, mas que foi amplamente desenvolvida por autores como, por ex., *Gordon Childe* (na sua primeira fase), pressupõe um audacioso método de detecção, no passado, de “culturas” no sentido antropológico do termo: correlaciona distribuições discretas de artefactos com fronteiras de territórios ocupados por “povos”.

Ou seja, faz equivaler “*culturas arqueológicas*” a “*culturas étnicas*”. Através deste passo, a corrente histórico-cultural funda o conhecimento arqueológico moderno: o método de ordenação cronoespacial de conjuntos artefactuais, com o objectivo de se definir “culturas”, é aplicável em qualquer região do mundo. Esta corrente, contudo, não supõe apenas um método de detecção de “culturas”. Ela contém, em si mesma, *uma certa noção de passado*, que aliás, se propaga ainda hoje em correntes de pensamento que se querem alternativas: essa noção de passado determina a compulsividade de se recuperar o “*passado acontecido*” em toda a sua particularidade histórica. Como se verá, para o sucesso desta corrente de pensamento, muito concorrerá o refinamento de métodos de *registo arqueológico*. Ou, se quisermos, sem um aparelho sofisticado de registo não se obtém uma cabal explicação histórica. A corrente histórico-cultural viverá sempre dependente dum registo arqueológico esclarecido.

Por outro lado, a corrente histórico-cultural entende que a mudança cultural é o resultado directo de processos de *difusão* e de *migração populacional*.

Na Europa da primeira metade do séc. XX, degladiaram-se duas grandes posições quanto ao *centro inovador e difusor* que, no passado, teria transportado “cultura e civilização”. Por um lado, temos *posições autoctonistas europeias*, de que a posição rática de *Kossinna* será a mais relevante: para *Kossinna*, a região actualmente abrangida pela *Alemanha* teria sido esse *centro difusor superior*. A obsessão rática dos povos arianos de *Kossinna* iria, como se sabe, ser usada posteriormente pelo regime nazi para legitimar os seus intentos políticos. Mas, em quase toda a Europa, e até no interior da própria Alemanha, durante este período, predominará a ideia de que o verdadeiro centro difusor se localizará no *Mediterrâneo* e no *Próximo-Oriente*. Tal ideia, que se ancora primeiro em *Montelius* e que será ampliada por *Childe*, vingará na grande maioria dos países e dos arqueólogos europeus da época. Na Alemanha, o *Instituto Arqueológico Alemão*, vocacionado para o estudo do brilho do Mediterrâneo e do Próximo-Oriente na época clássica, nunca encaixou verdadeiramente na ideologia nazi, que queria utilizar a arqueologia para realçar o papel dos povos germanos.

Também Hermanfrid Schubart adoptará, desde sempre, uma postura defensora do *Mediterrâneo*, como centro de difusão. Deste modo, Schubart vincula-se a uma concepção normativa de cultura que defende que a Europa terá sido colonizada, no passado, por uma das suas margens: o *Próximo-Oriente*.

Finalmente, gostaria de salientar o lastro da *escola arqueológica alemã de matriz geográfica*, desenvolvida nos anos 50/60, no pensamento e na prática arqueológica de Schubart. Esta escola encontra-se ligada a *Eggers*, que, nos anos 50, fundou a revista *Archaeologica Geografica*. Baseada

numa crítica de fundo aos pressupostos interpretativos do método da “arqueologia do povoamento” de Kossinna, ou seja, baseada numa declarada rejeição do “paradigma étnico” de Kossinna, esta escola desenvolve o método cartográfico aplicado à arqueologia, e dá especial atenção à relação das estações arqueológicas com o espaço, esvaziando tais procedimentos de quaisquer explicações étnicas e muito menos rácicas.

Quando Hermanfrid Schubart chega, em 59, à Península Ibérica, qual é o pano de fundo da prática arqueológica realizada em Espanha e Portugal? Não é este o momento oportuno para desenvolver a história da arqueologia nos dois países ibéricos ao longo do séc. XX. Creio até que, apesar de todos os trabalhos escritos, nomeadamente sobre a arqueologia espanhola (Díaz-Andreu, M., 1995, 2002), se encontra ainda por fazer uma reflexão profunda sobre o enquadramento histórico e sociológico que determinou o *perfil* e o *peso* relativo da arqueologia nestes dois países. É óbvio que, apesar do atraso global do desenvolvimento da arqueologia na Península Ibérica, em comparação com o resto da Europa, houve sempre, entre Portugal e Espanha, e antes do último terço do séc. XX, uma diferença marcante. Em Espanha, desde o início do séc. XX, que a *Universidad* formava quadros. Por ex., a escola de Barcelona, polarizada em torno da figura incontornável de *Bosch Gimpera*, forneceu alguns dos mais importantes arqueólogos espanhóis. Por outro lado, as escolas europeias de arqueologia, nomeadamente a francesa e a alemã, captaram muitos jovens bolseiros, ainda durante a 1ª metade do séc. XX, alguns dos quais se transformaram posteriormente em prestigiados arqueólogos à frente de diversas instituições. A somar a este florescimento endógeno, temos, em Espanha, desde sempre, a influência marcante de arqueólogos franceses, belgas, alemães e até ingleses. De salientar o trabalho desenvolvido no início do séc. XX pelos irmãos *Siret* – que tanto irá seduzir a própria investigação de Schubart – ou, já nos anos 40/50, a exemplar e histórica actuação de *Georg* e *Vera Leisner*, cujo trabalho, sobre o fenómeno megalítico ibérico, é ainda hoje um marco na história das pesquisas sobre tal problemática.

Face a este quadro de alguma efervescência espanhola – à parte as vicissitudes políticas determinadas pela guerra civil, pelo pós-guerra e pelo regime franquista, que, como é óbvio, se reflectiram no uso institucional da arqueologia em Espanha – *tivemos em Portugal, até meados dos anos 70 do séc. XX (com excepções perfeitamente situadas) um longo período de estagnação* (Arnaud, J. M.(coord.), 2002).

Creio que, em primeiro lugar, é necessário destacar a *ausência, até muito tarde, duma escola universitária de arqueologia em Portugal*, se exceptuarmos, desde os anos 60, a *escola de Coimbra* virada para o estudo do período romano e polarizada em torno das escavações de Conímbriga.

As sinergias criadas entre o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, através do Professor Jorge de Alarcão, e o Museu Monográfico de Conímbriga, dirigido pela Dr^a Adília Alarcão, fomentaram um pólo de investigação arqueológica absolutamente inédito em Portugal. Será útil questionarmo-nos sobre as razões que levaram outras instituições centenárias a não terem sabido acompanhar a partir de meados do séc. XX o “ar do tempo”. A verdade é que, durante a primeira metade do século XX, mas, sobretudo durante o pós-guerra, a arqueologia portuguesa viveu subsidiária de algumas intervenções pontuais, mas importantes, de arqueólogos estrangeiros (por ex., Jean Roche, Georg e Vera Leisner). A figura isolada de *Eduardo da Cunha Serrão*, um arqueólogo amador, com formação em economia, que rompeu com a ausência generalizada dum registo científico moderno em escavações arqueológicas emerge, nos anos 50/60, como retrato dum país onde o regime salazarista, ao invés de outros regimes totalitários, sempre marginalizou e destituiu a arqueologia de qualquer peso político e institucional.

É neste contexto ibérico que Hermanfrid Schubart irá investigar a partir dos inícios dos anos 60. Não será difícil, assim, aceitar, sobretudo em Portugal, pelas razões óbvias, mas também em Espanha, no que toca os estudos da *Pré* e da *Proto-História*, a existência dum período *pré-Schubart* e de outro *pós-Schubart*. Schubart, enquadrado pelo Instituto Arqueológico Alemão, através das suas investigações, operou uma verdadeira *revolução* na maneira de se fazer arqueologia na Península Ibérica. Após a sua intervenção paradigmática em alguns sítios emblemáticos, como por ex., Zambujal, Atalaia ou Fuente Álamo, instalou-se a percepção de que só valia a pena fazer arqueologia se fossem atingidos certos *limiares* de rigor e de questionamento. Com Schubart e seus discípulos – porque Schubart constituiu uma *escola* – nasceu, a partir dos anos 60, verdadeiramente, a base duma arqueologia moderna interessada na reconstituição da Pré e Proto-História ibéricas.

Schubart abordou, ao longo de 45 anos de investigação, sobretudo quatro grandes temas: - as chamadas “*fortificações*” da *Idade do Cobre* (3º milénio antes de Cristo); - o denominado “*Bronze do Sudoeste*”, aliás, uma entidade cultural construída pelo próprio (2º milénio antes de Cristo); - o *Bronze argárico* do Sudeste espanhol (2º milénio antes de Cristo); - e a *colonização fenícia* (1º milénio antes de Cristo).

Em todas estas frentes Schubart actuou de forma coerente relativamente a dois princípios básicos: - qualquer paradigma teórico só é sustentável através duma exaustiva pesquisa de campo, plasmada em amplas e metódicas *escavações arqueológicas*; - a Península Ibérica foi, no 3º e no 2º milénio antes de Cristo, colonizada ou, pelo menos, fortemente influenciada pelos povos do

Mediterrâneo Oriental. De uma certa forma, Schubart faz projectar no passado pré-histórico e proto-histórico da Península, a “filosofia” que impregnava a actuação do Instituto Arqueológico Alemão em outras regiões do Mediterrâneo e do Próximo-Oriente: *a Europa era herdeira do mundo mediterrânico; e era-o não apenas desde o período clássico, mas desde, pelo menos, o 3º milénio antes de Cristo*. Schubart apelava assim a uma longa CONTINUIDADE de tradição cultural que teria jogado a favor da eclosão progressiva de “culturas” no extremo ocidental do Mediterrâneo.

» A temática das “fortificações calcolíticas” do 3º milénio encontrou fundamento arqueográfico nas escavações do castro do *Zambujal*, em Torres Vedras, entre 1964 e 1973. Tais escavações, em área, num sítio com tão grande amplitude, e com uma cronologia tão recuada, foram as primeiras do seu género, em toda a Península. Funcionaram como *escavação-escola* para estudantes de 14 países, tendo passado pelo *Zambujal* mais duma centena de estudantes alemães, portugueses e espanhóis. A metodologia seguida era tão revolucionária, para a época, que funcionou como modelo, durante as décadas seguintes, em múltiplas escavações da Península Ibérica.

Associado, nesta tarefa, a *Edward Sangmeister* do Instituto de Pré e Proto-História da Universidade de Friburgo, na Alemanha, e respaldado, como sempre, pelo Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, Schubart foi apoiado, institucionalmente, em Portugal, pelo Ministério da Educação da altura. Acentue-se que *Fernando de Almeida*, então catedrático de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um homem do regime, mas cosmopolita, empenhou-se directamente junto do governo português na concretização destas escavações. A elas se deve Portugal ter ficado para sempre ligado a um dos sítios pré-históricos mais carismáticos da Europa.

Após a publicação, com Sangmeister, em 1981 (Sangmeister, E. e Schubart, H., 1981), da monografia das escavações do *Zambujal*, houve um longo vazio de intervenção nesta estação. A retoma de escavações no *Zambujal*, a partir de 1994, sob a coordenação de *Michael Kunst*, deve-se, no entanto, e mais uma vez, ao empenho de Schubart: uma espécie de último acto oficial, enquanto Director da delegação de Madrid do Instituto Arqueológico Alemão, dedicado a Portugal e à sua arqueologia.

O paradigma colonial, inscrito na teoria das “fortificações calcolíticas”, é talvez o paradigma durante mais tempo partilhado da Pré-História Ibérica. Durante as décadas de 60/70, autores como Sangmeister, Blance, Schüle, Kalb, Savory, Arribas, Martinez Santa-Olalla, entre muitos outros, defenderam a existência destes sítios murados, como resultado da implantação, em terreno estrangeiro, de “colonos” mediterrânicos vindos em busca do cobre ibérico (Jorge, S. O., 1994, 2003).

Schubart, no entanto, por diversas vezes, e tendo em conta os dados fornecidos pelas escavações do *Zambujal*, cedo advertiu para o cuidado que se deveria ter na utilização do termo “colónia”

quando aplicado a este tipo de sítios. A preferência de Schubart pelo termo *FEITORIA* fala do desconforto que o mesmo sentia relativamente a um modelo excessivamente anacrónico. Mais tarde, durante os anos 80, no âmbito dum programa de investigação dedicado à recuperação das antigas linhas de costa (de colaboração com uma equipa de geólogos alemães), Schubart, usando a descoberta da localização muito próxima do mar destes sítios da Pré-História, interpreta-os como “praças portuárias” (Schubart, H., 1990). O paradigma das “fortificações calcolíticas” permanece, até hoje, como o *sonho* mais antigo do ideário de Schubart: a busca dum ponto, recuado no tempo, em que a Península teria sido pela primeira vez objecto da construção das primeiras grandes arquitecturas militares, fruto duma ampla *transusão cultural* entre os povos mediterrânicos do 3º milénio.

» A temática do “Bronze do Sudoeste”, “cultura” do 2º milénio, situada no Sudoeste Ibérico, ocupou Schubart, em trabalhos de campo, entre 1962 e 1970. Durante este período foi escavada, em área, grande parte da necrópole de *Atalaia*, no Baixo Alentejo. Schubart publicará em 1975 um extenso estudo monográfico sobre esta “cultura”, que se transforma, rapidamente, numa referência bibliográfica para as investigações da Idade do Bronze da Península Ibérica (Schubart, H., 1975).

A definição do “Bronze do Sudoeste” está ancorada na cartografia e seriação de um conjunto de contextos e artefactos adstritos ao 2º milénio no Sudoeste da Península. Sobressaiem, entre esses contextos, os de índole funerária. Aliás, a escavação da necrópole de *Atalaia*, também inédita (em contextos desta época) em Portugal, será fundamental para fornecer um primeiro quadro da arquitectura sepulcral deste tipo de necrópole e dos seus ritos funerários.

A principal novidade da construção de Schubart reside (no âmbito de outros estudos regionais sobre a I. do Bronze) em ajudar a *desmontar uma pretensa unidade cultural* que se pensava que existia na Península Ibérica durante o 2º milénio. Com base na restrição da chamada cultura argárica ao Sudeste espanhol, Schubart (na esteira de Tarradell, por ex.) dedica-se à detecção, no Sudoeste, duma *outra entidade cultural* que, apesar de sofrer influências mediterrânicas, é certamente a entidade, estudada por Schubart, que apresenta maiores traços culturais autóctones.

» A temática do “Bronze argárico”, “cultura” também do 2º milénio, situada no Sudeste espanhol, ocupou Schubart, em trabalhos de campo, entre 1977 e 1999. O sítio eleito para uma intervenção de grande escala foi *FUENTE ÁLAMO* (Almeria), o qual foi estudado por Schubart em associação com *Oswaldo Arteaga*. *Fuente Álamo*, no domínio dos sítios pré-históricos, ergue-se, no final do séc. XX, como um dos lugares mais emblemáticos da Península Ibérica, como já o havia sido o *Zambujal*, escavado nas décadas de 60/70 do mesmo século.

Na senda das investigações dos irmãos Siret, nos finais do séc. XIX, Schubart executa, nas duas últimas décadas do séc. XX, com uma metodologia sofisticada e novos questionamentos teóricos, uma das mais ambiciosas intervenções arqueológicas na Península Ibérica. Em Fuente Álamo, povoado detentor duma estratigrafia com uma potência de 10 metros, Schubart exercita, em campo, o paradigma estratigráfico em todo o seu esplendor. Por outro lado, as escavações em área permitiram também aprofundar o conhecimento sobre rituais funerários, economia, proto-urbanismo e muitos outros aspectos da vida daquele sítio no quadro da chamada “cultura” argárica.

Em 2001, de colaboração com *Oswaldo Arteaga* e *Volker Pingel*, Schubart co-assina uma memorável monografia relativa às escavações de Fuente Álamo (Schubart, H., Pingel, V. e Arteaga, O., 2001). Em 2003, em associação com *Thomas Schuhmacher*, publica um estudo extenso sobre as cerâmicas deste sítio (Schuhmacher, T. e Schubart, H., 2003).

As relações do Sudeste ibérico com o Mediterrâneo Oriental, no 2º milénio, continuam a ser indiscutíveis para Schubart. Serão elas que justificarão as mudanças operadas, na mesma região, entre a “cultura” calcolítica de Los Millares e a “cultura” argárica da Idade do Bronze. Mesmo admitindo a origem autóctone dos povos argáricos, Schubart não concebe que as principais alterações observadas ao nível do povoamento, dos artefactos, dos rituais funerários, etc., não se devam a intensos movimentos comerciais operados no Mediterrâneo. A proximidade dos sítios argáricos, relativamente à costa, durante o 2º milénio, funciona também aqui como um argumento de peso para fundamentar este grau de interacção e mesmo de dependência cultural entre os dois extremos de Mediterrâneo.

» Finalmente, menciono a temática da colonização fenícia, cuja investigação de campo empenhou sobretudo Schubart entre 1964 e 1984 (Schubart, H., 1982, 1999, 2003). Escavações em “colónias” fenícias na costa mediterrânica peninsular como *Toscanos* e *Morro de Mezquitilla* abriram caminho ao desenvolvimento duma investigação sobre a existência da primeira “cultura” urbana, detentora de escrita, proveniente do Mediterrâneo, na Península Ibérica. O grau de interacção dos fenícios com as “culturas” indígenas do sul da Península, como a Tartéssica e a Ibérica, será objecto de continuado estudo até à actualidade. Com os fenícios, Schubart pode, sem receio de contra-argumentação, afirmar que “os intercâmbios unem os povos e contribuem para a configuração das suas culturas” (Schubart, H., 1989, p. 47). De facto, Schubart, durante toda a sua vida, procurou provar que esta máxima se aplicava não apenas aos povos com escrita, mas também às comunidades pré-históricas mediterrânicas.

Se me pedirem para eu eleger o aspecto da obra de investigação de Schubart que considero mais inovador, mesmo a nível europeu, direi sem hesitação que é a sua *noção de espacialidade*.

Desde logo, porque Schubart introduz nas escavações dos sítios pré-históricos peninsulares, como Zambujal ou Fuente Álamo, uma estratégia de *decapagem em área*, que pretende fornecer uma imagem o mais possível abrangente, destes lugares. Esta opção tem custos de intervenção: pressupõe um *estaleiro de obra* a funcionar nos sítios arqueológicos, enquadrado por dezenas de técnicos e de trabalhadores braçais. Pressupõe ainda uma *organização exemplar no registo arqueológico*, uma vez que ele decorre em áreas muito distantes entre si que têm de ser coordenadas por um centro que as monotorize praticamente em simultâneo.

A decapagem em área, que se substitui à exclusiva escavação das sondagens, deixou marca na Pré-História peninsular. Los Millares, cuja escavação foi conduzida por um discípulo de Schubart, *Fernando Molina*, da Universidade de Granada, é um bom exemplo do sucesso deste paradigma das decapagens extensas para se poder raciocinar em grande escala. De certa maneira, as decapagens em área das mamoadas do Norte de Portugal, realizadas nos anos 70/80, por *Vítor Oliveira Jorge* na Serra da Aboboreira, também decorreram numa aprendizagem que este investigador recolheu no castro do Zambujal nos finais dos anos 60.

Por outro lado, os sítios que Schubart aborda são sempre valorizados tendo em vista a *especificidade da paisagem onde estão implantados*: a topografia dos sítios na sua relação com a geo-morfologia do espaço envolvente; na sua relação com a rede hidrográfica e com a maior ou menor proximidade da costa marítima. Esta apetência de Schubart em olhar os sítios arqueológicos na sua relação com o espaço antecede, na Península, muitos estudos da chamada “arqueologia da paisagem” que se afirmaram a partir da década de 80 do séc. XX. Com Schubart aprende-se uma técnica fundamental do conhecimento arqueológico: a técnica de, alternadamente, baixar e subir de escala, num jogo interactivo em que é tão importante descer o mais próximo possível junto do artefacto ou da estrutura que se quer exumar e registar de forma exaustiva, como sobrevoar de avião a região em estudo, para observar o quadro dos possíveis naturais que condicionaram as populações do passado, como interpretar as múltiplas *cartas* geográficas ao dispor do arqueólogo, em ordem a *inserir os sítios numa rede de possibilidades de circulação e de exploração de recursos que lhes confere densidade histórica*.

Neste sentido, Schubart antecipa, em decénios, uma *Pré-História do Espaço*, mesmo que na actualidade esta expressão possa conter significações muito diversificadas.

Finalmente, para terminar este já longo discurso, não posso deixar de afirmar que sempre me impressionaram as invulgares qualidades humanas do Professor Schubart. Uma mistura de grande generosidade e tolerância com um insuperável optimismo e uma fantástica vontade de viver confere à personalidade de Hermanfrid Schubart uma *LUMINOSIDADE* e uma *FORÇA* muito particulares.

Quando se convive com o Professor Schubart, seja a ter uma discussão científica, seja numa visita de estudo, seja simplesmente a conversar sobre a vida, fica-se sempre tocado pela sua profunda humanidade.

Mas, ao mesmo tempo, o contacto com Schubart tem a qualidade de incutir, em todos os que entram na sua órbita, uma aura de confiança nas possibilidades criativas de cada um, que é próprio dos espíritos superiores. Há uma grandeza humana em Schubart que se estriba certamente na grandiosidade da sua obra científica, mas que a ultrapassa e também a potencia. Hermanfrid Schubart possui essa rara qualidade de funcionar como um poderoso comutador: promove ligações profundas entre pessoas, escolas de pensamento, instituições.

A Universidade do Porto, ao atribuir ao Professor Hermanfrid Schubart o grau de Doutor *Honoris Causa*, não só presta homenagem a uma grande personalidade científica, como fica ela própria honrada e enriquecida por poder, a partir de agora, incorporar o Professor Hermanfrid Schubart nas suas fileiras.

Ao futuro Doutor desejo vivamente que a sua relação fraterna com Portugal se intensifique sempre mais. Estou segura que este acto solene contribuirá para a inscrição perene, na nossa comunidade, duma invulgar obra científica e dum notável investigador.

Através desta inscrição, certamente ganharemos ainda mais consciência do contributo ímpar protagonizado pela acção insubstituível do Professor Hermanfrid Schubart na *construção duma arqueologia ibérica e portuguesa modernas*. Uma arqueologia capaz de questionar eficazmente o passado para saber produzir PRESENTE.

Porto, 28 de Janeiro de 2005

Susana Oliveira Jorge

Professora Catedrática do Departamento de Ciências e Técnicas do Património
da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Bibliografía

- Arnaud, J. M. (coord.), 2002, *Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal*, “Arqueologia e História”, vol. 54.
- Blech, M., 2002 Las aportaciones de los arqueólogos alemanes a la arqueología española, *Historiografía de la Arqueología Española. Las Instituciones. “Serie Cursos y Conferencias”*, 3, Madrid, Museo de San Isidro, pp. 83 – 117.
- Díaz-Andreu, M., 1995, Archaeology and nationalism in Spain, *Nationalism, Politics and the Practice of Archaeology* (ed. Philip L. Kohl e Clare Fawcett), Cambridge University Press, pp. 39 – 56.
- Díaz-Andreu, M., 2002, *Historia de la Arqueología em España. Estudios*, Madrid, Ediciones Clásicas.
- Härke, H., 1991, All quiet on the western front? Paradigms, methods and approaches in west german archaeology, *Archaeological Theory in Europe. The last 13 decades* (ed. Ian Hodder), London, Routledge, pp. 187 – 222.
- Härke, H., 1995, “The Hun is a methodical chorp”. Reflections on the German Tradition of pre-and proto-history, *Theory in Archaeology. A world perspective* (ed. Peter J. Ucko), London, Routledge, pp. 46 – 60.
- Jorge, S. O., 1994, Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular, *Revista da Faculdade de Letras*, IIª série, vol. XI, pp. 447 – 546.
- Jorge, S. O., 2003, Revisiting some earlier papers on the late prehistoric walled enclosures of the Iberian Peninsula, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, pp. 89 – 135.
- Leisner, G. e V. , 1956, 1959, 1965, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, 4 vols., Berlin, “Madrider Forschungen”
- Martínez Navarrete, M. I., 1989, *Una revisión crítica de la prehistoria española: la Edad del Bronce como paradigma*, Madrid, Siglo XXI de España Ed.
- Sangmeister, E. e Schubart, H., 1981, *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*, “Madrider Beiträge”, Band 5, Mainz am Rhein, Verlag Phillipp von Zabern.
- Schubart, H., 1965, As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel, *Revista de Guimarães*, LXXV, nº 1 – 4, pp. 195 – 204.
- Schubart, H., 1969, Las fortificaciones eneolíticas de Zambujal y Pedra do Ouro en Portugal, *Xº Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, pp. 197 – 204.
- Schubart, H., 1971 a, O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica, *Revista de Guimarães*, LXXXI, nº 3 – 4, pp. 189 – 215.
- Schubart, H., 1971 b, Acerca de la ceramica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste Peninsular, *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 3 – 32.
- Schubart, H., 1975, *Die Kultur der Bronzezeit in Südwesten der Iberischen Halbinsel*, “Madrider Forschungen”, 9, Berlin, Walter de Gruyter.
- Schubart, H., 1982, Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Península Ibérica, *Huelva Arqueológica*, VI, pp. 71 – 99.
- Schubart, H., 1986, El asentamiento fenicio del s. VIII a. C. en el Morro de Mezquitilla (Algarrobo, Málaga), *Los Fenicios en la Península Ibérica*, pp. 59 – 83.

- Schubart, H., 1989, Significación historico-cultural de la costa meridional de la Península Ibérica, desde la Edad del Cobre hasta la colonización fenicia, *Discurso de Investidura de Doctor "Honoris Causa"*, Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, pp. 23 – 47.
- Schubart, H., 1990, Almizaraque y Zambujal como plazas portuarias de la Edad del Cobre, *Verdolay, Revista del Museo de Murcia*, nº 2, pp. 19 – 25.
- Schubart, H., 1999, La forja fenicia del hierro en el Morro de Mezquitilla, *La cerámica fenicia en Occidente, Iº Seminario Internacional sobre temas fenicios*, Guardamar de Segura, pp. 241 – 256.
- Schubart, H., 2003, *Toscanos y Alarcón. El asentamiento fenicio en la desembocadura del Río de Vélez. Excavaciones de 1967 – 84*, Barcelona, "Cuadernos de Arqueología Mediterránea".
- Schubart, H. et al, 1969, *Toscanos: la factoría paleopúnica en la desembocadura del río Vélez*, Madrid, "Excavaciones Arqueológicas en España", 66.
- Schubart, H. e Maass Lindemann, G., 1984, Toscanos. El asentamiento fenicio occidental en la desembocadura del Río de Vélez. Excavaciones de 1971, *Noticiario Arqueológico Hispánico*, 18, pp. 41 – 205.
- Schubart, H. e Sangmeister, E., 1984, Zambujal. Un asentamiento fortificado de la Edad del Cobre en Portugal, *Revista de Arqueología*, nº 37, pp. 20 – 33.
- Schubart, H. e Ulreich, H., 1991, *Die Funde der Südostspanischen Bronzezeit aus der Sammlung Siret*, "Madrider Beiträge", Band 17, Mainz am Rhein, Verlag Phillipp von Zabern.
- Schubart, H., Pingel, V. e Arteaga, O., 2001, *Fuente Álamo. Las excavaciones arqueológicas 1977-1991 en el poblado de la Edad del Bronce*, Junta de Andalucía. Consejería de Cultura.
- Schuhmacher, T. X. e Schubart, H., 2003, *Fuente Álamo. Die Siedlungskeramik der Grabungen 1985-1991. Stratigraphisch geordnete Keramik der El Argar-Zeit aus den Grabungen 1977-1982*. "Iberia Archaeologica", Mainz am Rhein, Verlag Phillipp von Zabern.
- Shennan, S., 1989, Introduction: archaeological approaches to cultural identity, *Archaeological Approaches to Cultural Identity* (ed. S. J. Shennan), London, Unwhim Hyman, pp. 1 – 32.
- Trigger, B. G., 1992, *Historia del Pensamiento Arqueológico*, Barcelona, Ed. Crítica.
- Veit, U., 1989, Ethnic concepts in German prehistory: a case study on the relationship between cultural identity and archaeological objectivity, *Archaeological Approaches to Cultural Identity* (ed. S. J. Shennan), London, Unwhim Hyman, pp. 35 – 56.

PROFESSOR HERMANFRID SCHUBART

- *GRATIE AGENDAE POST LAUDATIONEM*

Excelentíssimas Autoridades Académicas, e, em particular, Magnífico Reitor da Universidade do Porto,

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto,

Excelentíssimos Senhores Professores e Investigadores da Universidade do Porto, bem como de outras universidades, aqui presentes,

Excelentíssimos Senhores Estudantes e Funcionários,

Caros Colegas e Amigos,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Neste dia feliz, desejo agradecer cordialmente a honra e a alegria que me proporcionaram, considerando-me digno do título de Doutor *honoris causa* da Universidade do Porto. Constitui para mim uma grande felicidade, e motivo de orgulho, passar a fazer parte do corpo de doutores da vossa prestigiada Escola.

Também com muito prazer agradeço ao Professor Doutor Jorge de Alarcão, da Universidade de Coimbra, e à Professora Doutora Susana Oliveira Jorge, da Universidade do Porto, por terem aceite, nesta cerimónia, as funções, respectivamente, de meu padrinho, e de colega que pronunciou o meu elogio. Elogio, por certo, excessivo, mas que muito me honra. Aliás, a ambos me liga, desde há muito tempo, uma sólida e cordial amizade.

Os trabalhos que realizei, aqui referidos como justificação deste grau que tiveram a bondade de me outorgar hoje, jamais teriam sido possíveis sem a ajuda e a colaboração de diversas instituições, de muitos colegas, e de outras pessoas. Com eles — quer com os vivos, quer com a memória dos já falecidos - quero partilhar a distinção de que fui alvo, exprimindo gratidão pelo

que fizeram. Impossível seria mencioná-los a todos, pelo que me limitarei a referir, brevemente, apenas alguns.

A inolvidável Vera Leisner, “Dona Vera”, que me introduziu junto dos colegas portugueses. As entidades oficiais que autorizaram as minhas escavações, mostrando generosidade e hospitalidade para com o arqueólogo ainda jovem que eu era, quando comecei a trabalhar neste país. Os amigos Abel Viana, Leonel Trindade, Afonso do Paço e Octávio da Veiga Ferreira, que me convidaram a participar nas suas escavações, e até me desafiaram a assumir a direcção das mesmas, nos casos da Atalaia e do Zambujal.

Numerosos foram, de facto, os colegas e colaboradores que contribuíram para o sucesso das pesquisas. No Zambujal, ocupa lugar de destaque o Professor Edward Sangmeister. Mas não posso também esquecer os estudantes que, ao longo de seis amplas campanhas de escavações, chegaram a atingir a centena, provenientes de catorze países diferentes, com destaque para Portugal, Espanha e Alemanha.

Vários destes, então estudantes, hoje colegas de alta posição, estão agora aqui entre nós honrando-me com a sua presença. Deles somente quero mencionar o Doutor Vítor Oliveira Jorge, um promotor decisivo deste doutoramento solene, com quem estou ligado desde o ano de 1968 em estreita colaboração científica e em cordial amizade.

Finalmente - mas não em ultimo lugar - quero referir os trabalhadores rurais da região, com quem sempre mantivemos, a minha mulher e eu, fortes laços de amizade. À minha mulher quero dizer “bem hajás”, em sinal de gratidão e de amor, pelo seu entusiasmo relativamente aos meus objectivos, e pela maneira como suportou todas as dificuldades, por vezes grandes, com que nos deparámos. Ela foi, e é, constantemente, o meu apoio mais importante.

A todos os mencionados, e aos colaboradores que não pude referir pertencem algumas franjas de um capelo de doutor imaginado.

A distinção com que me honram é, para mim, um momento de alto significado, após muitos anos de trabalho intenso. Quando tinha trinta anos, dediquei-me, durante uma dúzia de anos, com a força e entusiasmo próprios daquela idade, à arqueologia de campo de alguns monumentos portugueses. O decénio seguinte foi consagrado ao estudo e publicação das escavações, de que são testemunho os livros sobre Atalaia, no Alentejo, e Zambujal, na Estremadura. Em 1970 e 1971 participei, sob a direcção de Helmut Schlunk, na organização e fundação do Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa, o qual, durante vinte e oito anos (metade

sob a minha direcção) prosseguiu de forma feliz os trabalhos encetados, desta vez com Teodoro Hauschild e Filin Kalb. Foi durante o meu último ano como director do Instituto Arqueológico Alemão que iniciei uma nova fase de escavações no Zambujal, em colaboração e sob a direcção de Michael Kunst.

Aquando da triste notícia do encerramento do nosso querido Instituto lisbonense já me encontrava reformado, longe daqui.

A distinção que me concederam hoje constitui, também, um incentivo a que prossiga neste belo campo da investigação arqueológica. Se nos últimos anos foram publicados livros (de que sou autor, ou co-autor) e vários artigos, actualmente estão no prelo outros livros e trabalhos. Agora que estou jubilado, posso consagrar à escrita mais tempo do que durante os últimos anos das minhas obrigações institucionais. Foi com muito gosto, por exemplo, que participei em 2003 na mesa-redonda realizada nesta cidade, na Faculdade de Letras do Porto, sobre “Recintos Murados” e que também proferi, em Faro e em Lisboa, conferências sobre as investigações que realizei, sempre com o intuito de comunicar melhor a minha experiência.

Hoje, Portugal, concretamente a Universidade do Porto, distinguiu um cidadão alemão de uma forma que considero ser uma grande honra. Que este gesto solene constitua o símbolo de um compromisso. O de incrementarmos as relações científicas e humanas internacionais, neste caso entre os nossos dois países. O campo que nos compete lavrar, o da arqueologia, apresenta-se como particularmente propício para tal, já que as fronteiras políticas contemporâneas só raramente coincidem com limites de antigas culturas. Se as relações internacionais nos preocupam no grande mundo da política, pois que também assim seja no pequeno campo das nossas disciplinas científicas e no mundo humanitário.

Muitos colegas portugueses são companheiros, no intercâmbio científico, e na amizade, daquele que hoje é aqui consagrado doutor pela Universidade do Porto. Podem crer que me empenharei para que tais relações continuem, e se fortaleçam. É nesse sentido que aceito a elevada distinção que me é concedida, agradecendo uma vez mais a todos do fundo do coração. Ao mesmo tempo, desejo à Universidade do Porto, minha nova “alma mater” : vivat, crescat, floreat!

DOUTORES PELA UNIVERSIDADE DO PORTO

1. MARECHAL JOSEPH JOFFRE,
pela Faculdade de Ciências em 6 de Abril de 1921
2. GENERAL ARMANDO DIAZ,
pela Faculdade de Ciências em 11 de Abril do 1921
3. GENERAL HONORIS SMITH DORRIEN,
pela Faculdade de Ciências em 11 de Abril de 1921
4. ALMIRANTE CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO,
pela Faculdade Técnica (actual Faculdade de Engenharia) em 24 de Outubro de 1922
5. CAPITÃO DE MAR E GUERRA ARTUR DE SACADURA CABRAL,
pela Faculdade Técnica (actual Faculdade de Engenharia) em 24 de Outubro de 1922
6. PROF. PAUL SABATIER,
pela Faculdade de Ciências em 21 de Junho 1923
7. PROF. RENÉ LERICHE,
pela Faculdade de Medicina em 18 de Fevereiro de 1932
8. PROF. CHARLES MAURAIN,
pela Faculdade de Ciências em 31 de Outubro de 1932
9. PROF. CONDE HENRI BEGOUEN,
pela Faculdade de Ciências em 31 de Outubro de 1932
10. ENG.º. OCTÁVIO MANGABEIRA,
pela Faculdade de Engenharia em 8 de Maio de 1934
11. PROF. JOSÉ CASARES GIL,
pela Faculdade de Farmácia em 11 de Julho de 1942

12. P. ALPHONSE LUISIER,
pela Faculdade de Ciências em 16 de Janeiro de 1942
13. PROF. GREGORIO MARAÑON,
pela Faculdade de Medicina em 13 de Novembro de 1946
14. PROF. CARLOS JIMENEZ DÍAZ,
pela Faculdade de Medicina em 12 de Março de 1955
15. DR. JOSÉ DE MAGALHÃES PINTO,
pela Faculdade de Economia em 27 de Junho de 1968
16. EMBAIXADOR AUGUSTO DE CASTRO SAMPAIO CORTE-REAL,
pela Faculdade de Letras em 20 de Dezembro de 1969
17. ENG.º. MANUEL COELHO MENDES DA ROCHA,
pela Faculdade de Engenharia em 30 de Março de 1970
18. DOUTOR ANTÓNIO AUGUSTO DE SOUSA AMORIM,
pela Faculdade de Economia em 14 de Outubro de 1975
19. PROF. MAURITIUS MERCANDIER,
pela Faculdade de Medicina em 21 de Novembro de 1979
20. PROF. ULRICH GEORG TRENDLENBURG,
pela Faculdade de Medicina em 21 de Outubro de 1982
21. PROF. JEAN DELUMEAU,
pela Faculdade de Letras em 6 de Janeiro de 1984
22. DR. JOSÉ HENRIQUE DE AZEREDO PERDIGÃO,
pela Universidade do Porto em 4 de Abril de 1987
23. PROF. BREBIS BLEANEY,
pela Faculdade de Ciências em 4 de Abril de 1987
24. PROF. HENRY SKINNER,
pela Faculdade de Ciências em 4 de Abril de 1987
25. DR. VICTOR ANTÓNIO AUGUSTO NUNES DE SÁ MACHADO,
pela Faculdade de Medicina em 15 de Julho de 1987
26. PROF. BORIS ALPERN,
pela Faculdade de Ciências em 28 de Outubro de 1987
27. MANOEL DE OLIVEIRA,
pela Faculdade de Arquitectura em 26 de Junho de 1989
28. DR. MÁRIO ALBERTO NOBRE LOPES SOARES,
pela Faculdade de Letras em 19 de Junho de 1990

29. DR. ANTÓNIO BARROS MACHADO,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar em 11 de Julho de 1990
30. PROF. JEAN HAMBURGER,
pela Faculdade de Medicina em 21 de Dezembro de 1990
31. ENG. JÚLIO FERRY BORGES,
pela Faculdade de Engenharia em 21 de Maio de 1991
32. PROF. EUGÈNE BRAUNWALD,
pela Faculdade de Medicina em 8 de Maio de 1993
33. PROF. NEAL BRICKER,
pela Faculdade de Medicina em 7 de Junho de 1993
34. PROF. THOMAS STARZI,
pela Faculdade de Medicina em 23 de Janeiro de 1995
35. PROF. HENRI BISMUTH,
pela Faculdade de Medicina em 23 de Janeiro de 1995
36. DR. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO,
pela Faculdade de Economia em 22 de Julho de 1995
37. PROF. JAMES MCGILL BUCHANAN,
pela Faculdade de Economia em 4 de Dezembro de 1995
38. PROF^a. MARIA DE LURDES BELCHIOR,
pela Faculdade de Letras em 5 de Maio de 1996
39. PROF. ARTHUR EDWARD BERGLES,
pela Faculdade de Engenharia em 19 de Outubro de 1998
40. PROF. DAVID ROGER JONES OWEN,
pela Faculdade de Engenharia em 19 de Outubro de 1998
41. PROF. JACQUES DELORS,
pela Faculdade de Economia em 10 de Março de 1999
42. PROF^a MARIE-LOUISE BASTIN,
pela Faculdade de Letras em 28 de Junho de 1999
43. PROF^a JACQUELINE HAMESSE,
pela Faculdade de Letras em 9 de Julho de 1999
44. PROF. LEONARD BOYLE,
pela Faculdade de Letras em 9 de Julho de 1999
45. XANANA GUSMÃO,
pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000

46. D. XIMENES BELO,
pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000
47. DR. JOSÉ RAMOS-HORTA,
pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000
48. DR. JOÃO HAVELANGE,
pela Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física em 1 de Fevereiro de 2001
49. PROF^a. DOUTORA SUZANNE DAVEAU,
pela Faculdade de Letras em 25 de Maio de 2001
50. PROF. DOUTOR JOSÉ MANUEL PEREIRA DE OLIVEIRA,
pela Faculdade de Letras em 25 de Maio de 2001
51. PROF. JESÚS PRIETO,
pela Faculdade de Medicina em 29 de Outubro de 2001
52. PROF. MICHEL CREMER,
pela Faculdade de Medicina em 29 de Outubro de 2001
53. PROF. DOUTOR JOÃO PEDRO PULIDO VALENTE MONJARDINO,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar em 15 de Outubro de 2002
54. PROF. DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ CORTESÃO PAIS LIMA DE FARIA,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar em 15 de Outubro de 2002
55. PROF. DOUTOR FERNANDO HENRIQUE LOPES DA SILVA,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar em 15 de Outubro de 2002
56. PROF. DOUTOR VITTORIO GREGOTTI,
pela Faculdade de Arquitectura em 22 de Janeiro de 2003
57. ARQ. NUNO TEOTÓNIO PEREIRA,
pela Faculdade de Arquitectura em 22 de Janeiro de 2003
58. PROF. DOUTOR SYDNEY BRENNER,
pela Universidade do Porto em 30 de Abril de 2003
59. PROF. DOUTOR ALFREDO GOMES DE FARIA JUNIOR,
pela Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física em 27 de Setembro de 2004
60. PROFESSOR HERMANFRID SCHUBART,
pela Faculdade de Letras em 28 de Janeiro de 2005



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

